

A MORAL CRISTÃ PARA O NOSSO MUNDO, TAREFA URGENTE

Introdução

Falar ou escrever acerca da moral, e nomeadamente com a marca cristã, não parece ter grande sucesso. Efectivamente parece encerrado o tempo em que a vida pessoal, familiar e social era organizada segundo uma explícita escala de valores que era proposta, quase imposta, para dar forma aos comportamentos das pessoas segundo regras objectivas.

E, todavia, não nos parece que seja lícito e correcto desistir de encontrar um fio condutor da vida com sentido, visto que seria desistir de acreditar que a Humanidade deve continuar a viver em vista da auto-realização com princípios razoáveis. E devemos esclarecer que o sentido da moralidade é conduzir a Humanidade à sua plenitude, em que devemos tentar a coordenação de vários aspectos complementares: a *autonomia relativa* de cada pessoa, assumir as *dependências convenientes* e desenvolver a *solidariedade recíproca*, fazendo ressaltar os *valores das diferenças* complementares. A moral deverá ser baseada numa fé, lúcida e empenhada, que deverá influenciar a cultura, a economia e a política.

1. Efectivamente vários movimentos ideológicos recusam que haja *lícita e razoável* fundamentação para qualquer tipo de regra moral. Mais ainda: acusam as religiões, e nomeadamente a cristã, de terem sido causa de negativas neuroses e prejudiciais sentimentos de culpabilidade, destrutivos da identidade e liberdade humanas. Acusam o fixismo moral de impôr autoritariamente a heteronomia, ou seja, regras exteriores de obediência infantil ao arbitrário.

E propõem que, em vez dessa inútil, fútil e prejudicial orientação, seja desenvolvida a dinâmica da *autonomia*, da *liberdade*, rejeitando as normas exteriores. Nesta perspectiva a regra única seria a instintiva *consciência pessoal*, numa constante criatividade de tipo liberal, ocasional ou circunstancial.

A possível resposta a esta proposta seria de que não é possível viver seguro de si e em sociedade sadia sem referências a *alguns princípios com raízes estáveis e testados pela experiência da Humanidade* e constantes de uma antropologia e filosofia sadias e coerentes. Conscientes de que muitas regras éticas têm um valor relativo e provisório, há valores éticos e morais que nos orientam para o futuro absoluto com sentido.

Devemos pois ir superando o legalismo minucioso e balofo, mas sem perder de vista a *perspectiva teológica* de caminhar para a perfeição, progressiva realização, auto-actualizando os direitos e deveres naturais e a perspectiva evangélica de *caminhar para a perfeição com dignidade* que consiste em levar o potencial pessoal até às últimas consequências, sempre abertos ao dom da comunhão com o Absoluto, por Jesus Cristo, presente e actuante na criação, e nomeadamente pela Igreja, sacramento de salvação graças à presença efectiva do Espírito.

Efectivamente, enquanto os animais se conduzem e reproduzem seguramente pela força do instinto, o ser humano que tem *consciência da liberdade, do bem e do mal*, precisa de princípios éticos para bem orientar a vida, pessoal e social, de forma racional, razoável e digna. O ser humano é radicalmente chamado a viver como ser ético que é, pois fruto de razão e liberdade, na fidelidade ao sentido total da vida como utopia dinamizadora.

Neste contexto se organiza a filosofia, a religião, a ciência e a técnica que são a estrutura cultural.

2. O ser humano, desde sempre, pergunta o “porquê” dos fenómenos que não controla, que sendo causa de espanto e admiração, tecem a vida pessoal e do cosmos que o envolve misteriosamente. E deste interrogação apurada e aturada surgem as *filosofias explicativas e as “éticas” orientadoras da vida* com sentido, segundo modelos aptos a conduzir a vida humana para um fim razoável em busca de auto-realização – ser feliz. A “eticidade” como princípio imanente e a práxis ética orientam, com lógica e coerência, as opções, decisões e comportamentos segundo uma opção fundamental e fundamentada em vista da possível harmonia justa, plena, perene e feliz.

A pessoa ética e sadia ultrapassa o “apetecer” e opta pelo “dever”, descoberto, apurado e assumido, que se vai progressivamente clarificando ao longo das etapas da vida humanizada. A selectividade e eventual mudança de determinados critérios de orientação de vida, não perdem de vista a fundamental e permanente orientação ética da vida pessoal e social. Frequentemente há crises pessoais e sociais, consequência da fragilidade humana e de circunstâncias imprevistas e incontroláveis. Todavia, em larga medida, *as pessoas são artífices da própria história*, em busca da realização da identidade individual no contexto orientador da comum existência da Humanidade. Os princípios universais da “eticidade” facilitam a orientação pessoal para decidir, entre várias hipóteses, pela opção ajustada ao fim último e que unifica basicamente a vida humana situada no tempo, num espaço e circunstância que constituem a sua história em construção, sempre face a um ideal e pelas opções ponderadas pela razão e decididas pela liberdade.

3. *A pessoa tem necessidades primárias, secundárias e outras que implicam uma escolha, mas como resposta humana e criteriosa* às necessidades típicas do ser humano, enquanto animal racional, a que chamamos valores.

A descoberta e a ordenação correcta dos valores humanos são essenciais para iluminar e motivar a vida humana enquanto fornece caminhos de vida coerente com a antropologia cristã; esta propõe a pessoa como animal racional, social, responsável, ético, estético, solidário e salva por Cristo.

Esta consciência ética, apurada pela informação correcta deverá desencadear numa atitude de busca da verdade e da coerência, a autorrealização solidária em que se desenvolve a inclusão de todos pelo acolhimento dos desgarrados, sendo para eles um estímulo sem recorrer à manipulação.

A autêntica ética conduz à humanização da vida pessoal e social, desenvolvendo a autonomia relativa e a solidariedade. Quanto mais a pessoa realiza a

própria vocação, de viver segundo a recta razão e assumindo a própria tarefa ou função com consciência e competência, mais experimenta a autorrealização e complementaridade.

A vida pessoal sadia exige pois selectividade de valores e renúncias, incluídas nas opções vocacionadas e livres. *A autêntica liberdade inclui pensar, ponderar, discernir, escolher e viver de acordo com a autêntica dignidade humana e a vocação própria de cada pessoa.*

4. A arte de *tornar-se moralmente adulto* supõe que, progressivamente, a pessoa vá ultrapassando as simples tendências do apetecer, a anarquia provocada pelas circunstâncias, as conveniências, as pressões sociais e assumida, esclarecida e firmemente, a *integrada hierarquia de valores* apreendidos pela via educativa, inteligente, coerente e marcada pela humanização e qualidade de vida na aceitação das diferenças e sadio relacionamento humano. A escolha e progressiva *integração dos valores*, a aceitação das regras exteriores, a renúncia a certos prazeres imediatos, exige ascese e motivações compensatórias ou então como caminho de sucesso ou para aceitação social em que queremos ser aceites e reconhecidos.

5. Do que fica a florado, a moral poderá aparecer como uma complexa panóplia de normas de conduta impostas pela Família, a Sociedade e a Igreja, como autoridades repressivas que não permitiriam razoável criatividade e autonomia pessoal.

Por outro lado algumas pessoas em desenvolvimento tanto poderão assumir e inegrar essas regras e mecanismos como necessários processos de autorrealização pessoal e social, ou então como uma agressão e intolerável esmagamento da própria identidade.

De facto a obediência irracional e o medo de perder a situação ou a imagem na sociedade podem tornar a pessoa passiva; mas no seu íntimo sofre a revolta, a agressividade e aspirando à vingança compensatória pelas frustrações sofridas e impostas. Por isso mesmo a pedagogia deve acompanhar as necessárias privações a serem assumidas como resposta a uma proposta de amor, não como esmagando, mas sendo resposta de amor a quem nos ama ilimitadamente e que pretende a nossa realização, segundo o sentido intrínseco ao nosso ser pessoal.

O essencial é que o *nosso comportamento seja baseado e orientado numa esclarecida e razoável motivação e autonomia* a partir da auto-descoberta da eticidade, a necessidade de viver segundo um projecto e as regras duma consciência esclarecida, ponderada e selectiva. *A descoberta da interioridade explícita e da explicação racional dos imperativos éticos* é a base justificativa que surge da motivação de quem sabe de si e confia nos outros, na base da consciência crítica, correcta, que se abre à comunicação e comunhão, correndo os necessários riscos medidos de empreendedor esclarecido dos "porquês" do ser e viver com sentido. Nesta dinâmica ultrapassa os perigos do subjectivismo e aceita viver segundo imperativos éticos, baseados em motivações e razões que interpretam criticamente as regras de viver, fundamentadas na explícita antropologia e filosofia realistas, fundadas na racionalidade, na lógica e nas lições da História, mestra da vida.

6. No dia a dia *confiamos na autoridade* de quem sabe, de quem viveu, experimentou e agora testemunha o que é certo ou errado e bem ou mal. Mas há que ir mais fundo e mais longe para apurar os fundamentos da respectiva argumentação justificativa da ética proposta ou semi-imposta.

Neste sentido há que apurar *em que consiste a lei natural e seu âmbito*. E só lá chegamos pela racionalidade exigente e pela autonomia psicológica, afectiva e avaliativa dos valores e respectiva ordenação ponderada e coerente, explicitada e formulada em códigos de sabedoria, cujo seguimento humanizam a vida pessoal e social. E parece evidente que os códigos que humanizam e estimulam a qualidade de vida devem ser tidos como aptos a orientarem a vida humana.

Efectivamente a moral correcta busca o bem melhor para a vida humana pessoal e social. Por isso o moralista sensato deve receber informações de todas as ciências humanas, apurar e decantar os dados descobertos para os integrar numa perspectiva ética e crítica. Na verdade não é possível um insanável conflito entre as ciências rigorosas e a fé esclarecida, nem entre as ciências, a filosofia e a ética e a moral abertas à constante avaliação, abertas ao diálogo leal. *A síntese entre o científico, o técnico, o cultural, o filosófico, o religioso e os aspectos éticos subjacentes é uma tarefa nunca total e definitivamente concluída*. As pessoas não têm o direito de abdicar da racionalidade, da busca da verdade e dos comportamentos coerentes com o saber e o acreditar apurado e que respondem aos "porquês" da vida para viver bem e com sentido. Porque as ciências vão fazendo descobertas ou precisando conceitos, há aspectos da moral que têm a característica do provisório. Neste sentido, a moral tem aspectos definitivos e outros em possível revisão. A cultura, enquanto conjunto de conhecimentos, costumes, religiões, sentimentos, expectativas escatológicas, etc. precisa de ser submetida ao crivo ponderado da ética para apurar a ordem dos valores e as atitudes éticas correctas, tendo em conta o imanente e o transcendente.

7. Na investigação ou intervenção sobre o ser humano, os Médicos devem submeter-se a regras definidas que basicamente *implicam o respeito pela dignidade pessoal, a sua autonomia relativa*, assim como a ponderação entre riscos e benefícios para os sujeitos a serem intervencionados. As intervenções devem ser conduzidas com ponderação, sempre em benefício do próprio, vencendo a tentação do inútil, do fútil ou fazer da pessoa uma cobaia.

Eventualmente os conflitos podem ser reais, aparentes, provisórios ou insanáveis: a lógica deve ser o bem integral da pessoa concreta, ou seja, os princípios da ética que orientam a investigação com ciência, consciência apurada e com harmonia, tendo em conta o conceito de pessoa imanente e transcendente.

Os valores humanos têm uma ordem de prevalência, tendo em conta os direitos humanos e as necessidades emergentes no concreto, que devem ser submetidos a avaliação ética, tendo em conta a fidelidade e a criatividade sensatas acerca do ser humano.

A perspectiva da "aleiteia", do desvelamento progressivo do sentido da vida humana, parece-nos válido para a *pesquisa e avaliação da vida humana* que não é estática nem a moral a devera orientar de forma inovadora, mas em lúcida continuidade crítica com os milénios de pesquisas, experiências e ponderação da vida pessoal, familiar e social.

8. Do que fica apontado é possível concluir que podemos ultrapassar o risco do cepticismo, do relativismo ou ocasionalismo em termos de sentido para a vida a viver, mas sem cair na prisão do fixismo legalista imutável. As mudanças sociais e culturais exigem *reavaliação ponderada* para encontrar caminhos de verdade e inovação ponderada, ajustada as situações envolventes, encontrando regras correctas para viver em busca do ideal, assumindo a vida na justiça e com a qualidade possível na partilha social.

Nesta fiel e perseverante busca da verdade, deparamos com a figura central da História Humana, Jesus Cristo, que insistiu ser o caminho, a verdade e a vida, enquanto revela o sentido total da História, a dinâmica de Deus como princípio de tudo - o Pai, que Se diz no Verbo criador e actua na Igreja e no Mundo pelo Espírito Santo. Instituído Salvador universal partilha com os seres humanos a intimidade dos que livremente O acolhem e se abrem ao dom da vida salvadora.

Assim a vocação humana é de partilhar a amizade com Deus, como Filhos, e com os outros, como Irmãos. A moral cristã inclui pois o dom da graça e a tarefa pessoal de esforçadamente viver com apurado sentido do provisório e do definitivo, com esperança mas correndo os riscos adequados ao uso da liberdade, que é capaz de sim e de não, de bem e de mal.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.

Bibliografia

Filosofia

VERÍSSIMO, André – *A intriga ética. Ensaio sobre a antropologia e a ética levinasianas*. Guimarães: Editora Cidade Berço, 2001. 184 p.

No *prefácio* deste livro, agora publicado e apresentado ao público, sob o signo da 'Intriga Ética', é aí dito que o poeta foi sujeito à tentação: a de falar em poeta sobre um ensaio de filosofia. Mas, na verdade, esta tentação é logo transformada, na medida em que se torna tentação-tentada, e por isso, facto consumado: deixa de existir a tentação, para passar a existir o ser-tentado. Esta metamorfose é, esta mesma, de que fala o poeta, a '*de um outro em que o tentador mudava de figura*' e, aquela outra, que faz passar a acção criadora do autor para um registo escrito e um registo do público.

No entanto, existe de facto uma segunda tentação, que nós sentimos como nossa: a de falar sobre um livro que aborda um dos maiores filósofos contemporâneos, E. Levinas, e sobre o qual nós não somos, de forma alguma, e na verdadeira acepção da palavra, os melhores conhecedores. Sentimo-nos por isso, o menos qualificados para fazer uma tal apresentação, ainda que o estilo de ensaio filosófico permita uns breves comentários, em jeito de solidariedade e de respeito.

O ensaio de André Veríssimo que tem como título "*A intriga Ética. Ensaio sobre a antropologia e a ética levinasianas*", apresenta 20 §, todos eles, abordando de forma explícita o universo conceptual de E. Levinas, por vezes contrapondo-o com outros pensamentos, como por exemplo, Hegel, Heidegger, Bergson, Hannah Arendt e Rosenzweig. A marca levinasiana está mesmo presente no título deste Ensaio que o aproxima de um conjunto de textos de Levinas, reunidos numa edição francesa, l'Intrigue de l'Infini'.

Os primeiros seis parágrafos introduzem o leitor na questão ontológica. O § 2 tem a particularidade de abrir o horizonte total e 'pré-objectivo da vida' como uma questão essencial, tipicamente levinasiana, ou seja a 'Relação Ética'. Ao aflorear esta 'abertura na abertura', que pressupõe antecipadamente a concepção husserliana de abertura, perspectivada na linha do conhecimento objectivo, se justapõe